

CULTURA PROFISSIONAL

QUANDO FALO EM CAVALARIA, NÃO ME REFIRO A CAVALOS

Do Major-General JAMES M. GAVIN (Traduzido da Revista "Armor", pelo Maj OTTO ARLINDO BERENHAUSER)

"Como entusiasta de nossa Cavalaria, estou convencido que nunca venceremos uma guerra sem ela e, sem ela, muito provavelmente a perderemos."

Na Guerra da Secessão surgiu uma frase — "Quem já viu um cavalariano morto?" — que obteve um resultado imortal. Oriunda de uma campanha em que eram comuns frases desse tipo, essa é sempre lembrada nos meios militares; para o soldado atual, entretanto, é uma ninharía, cuja pergunta deveria ser: "Quem já viu Cavalaria?"

Atualmente constitui passatempo para os historiadores militares especular sobre o emprêgo da Cavalaria, no mais sanguinário de nossos conflitos internos. Que teria

acontecido, se Jeb Stuart, em vez de caçar comboios, tivesse aparecido na frente de Lee ao desembocar do Passo de Cashtown, em Gettysburg? Se Buford, em Willoughby Run fôsse rechaçado pela ação da incomparável Cavalaria de Stuart e as alturas ao sul e a leste de Gettysburg fôsem tomadas pelos sulistas naquele primeiro dia, qual o efeito que teria produzido no hesitante Meade? É possível que houvesse mudado todo o curso de nossa história. É bem possível...

O Major-General James M. Gavin é pára-quedista e formou-se por West Point em 1929. Realizou seu primeiro salto de combate na Sicília, como comandante de Regimento, no primeiro desembarque aéreo de envergadura da II Guerra Mundial. Mais tarde, tornou-se famoso como comandante da 82ª Divisão Aeroterrestre.

Depois disso tomamos parte em algumas outras guerras. Recentemente conseguimos um empate em uma campanha que os historiadores podem julgar a mais custosa e mais mal sucedida de todas. Enquanto alguns historiadores continuam a lamentar a ausência de Stuart em Gettysburg, ainda nenhum deles perguntou: "Onde estava a Cavalaria de Walker na Coréia?" — e já era tempo que alguém o fizesse. Onde estava a Cavalaria de Walker, a 26 de novembro de 1950, quando seu punhado de divisões foi batido, numa completa e esmagadora ação de surpresa, por trinta divisões chinesas? Nessa emboscada sucumbiram unidades e mais unidades, na pior derrota das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Onde estava nossa Cavalaria? Estava, e ainda permanece, na imaginação dos planejadores e historiadores militares. Não me refiro a cavalos! Refiro-me a helicópteros e aviões leves para transportar homens com armas automáticas e anticarro portáteis, bem como viaturas leves de reconhecimento com armamento anticarro igual ou superior aos dos carros de combate russos T-34.

Técnicamente poderíamos tê-lo tido. Devido à nossa veneração pelo equipamento pesado — e os ensinamentos de combate hauridos no fim da II Guerra Mundial que nos deixou a ilusão que blindagem pesada é Cavalaria — não os possuíamos. Perdemos a Cavalaria quando embarcamos em carros de combate e viaturas mais pesadas, todos se deslocando (ainda assim, quando o terreno permite o movimento) com a mesma velocidade da Infantaria motorizada, ou talvez menor.

A Cavalaria é a arma da mobilidade; ela existe e cumpre suas missões devido à sua mobilidade diversa — estabelecido o contraste de sua mobilidade com a de outras tropas terrestres. Se não houver distinção na mobilidade não existe Cavalaria. A Cavalaria é a arma da potência de fogo e de cho-

que; é a cortina protetora contra o tempo e a busca de informes do inimigo. Nega ao inimigo o talismã do sucesso — a surpresa — enquanto proporciona às nossas próprias tropas os meios de obtê-la e, com isso, destruir o adversário.

Cavalaria não é o cavalo, nem os sabres cruzados ou os lenços amarelos. Estes são apenas os vestígios de uma nobre arma do Exército dos Estados Unidos, cuja alma foi trocada por um corpo. É a arma de Jeb Stuart, Custer, Sheridan e Forrest. É a arma que na II Guerra Mundial foi a mais rápida e a mais potente (empregando a expressão de Forrest), mas que, agora, está se transformando, rapidamente, em termos de potência de fogo e de mobilidade, "na última entre as últimas". Certamente bravura, espírito de aventura e desprezimento pela vida são abundantes em nossas unidades blindadas e de Cavalaria, como já foi amplamente demonstrado em todas as oportunidades de combate. Entretanto, com a motorização de nossas forças terrestres e o conseqüente desaparecimento da mobilidade diferencial, a Cavalaria deixou de existir em nosso Exército, a não ser em nome.

Em junho de 1950, quando as forças norte-coreanas, embriagadas pela vitória, começaram a surgir ao sul do paralelo 38º, o Gen Mac Arthur solicitou e obteve permissão para se lançar à luta. A situação tática clamava por uma Cavalaria a ser empregada imediatamente, a fim de cobrir e retardar, enquanto a Infantaria e os blindados organizassem uma defesa mais substancial.

Que possuíamos para isso na ocasião? Um pequeno grupamento constituído por duas companhias de fuzileiros reforçadas e uma bateria de artilharia, transportado de avião para a Coréia. Uma vez sob fogo, sua velocidade foi reduzida para a do homem a pé — na realidade menor que a de muitas tropas de carros de combate norte-coreanas. Não dispunha, nem de meios, nem de mobilidade ade-

quada para cumprir sua missão de Cavalaria.

Quando Walker retrocedeu, tornando sua Infantaria e Artilharia por tempo, seus flancos estavam completamente abertos. A sua esquerda, particularmente, havia uma brecha de cento e sessenta quilômetros, estendendo-se até ao mar e que bem poderia ter sido penetrada. A situação implorava por uma Cavalaria, mas não possuíamos a Cavalaria adequada para o caso. Quando as tropas de Walker se retiraram para o reduzido perímetro em torno de Pusan, somente os esforços denodados de seus infantões e seus camaradas da Força Aérea Tática permitiram garantir a situação.

Finalmente, ao se realizar o desembarque de Inchon, a 15 de setembro, havia esperanças de uma ação fluida. Eu estava em Inchon e pareceu-me que, após o esmagamento da resistência inicial, não havia nada de importante na frente do X Corpo. A situação pedia uma Cavalaria altamente móvel para aproveitar essa brecha memorável. Se tivéssemos pressionado para o sul, teríamos, em horas, atingido, pela retaguarda, a posição do rio Naktong. Ao contrário, levamos duas semanas para estabelecer o contato. Quando as forças do sul se lançaram em aproveitamento do êxito para o norte, fizeram-no com uma coluna mista de carros de combate e caminhões, uma coluna essencialmente de infantaria, limitando seu rendimento às viaturas presas às estradas. Estávamos combatendo um exército asiático em termos puramente asiáticos.

As divisões do Gen Walker iniciaram sua progressão e, logo depois, toda a península estava completamente aberta. Naquele momento, patrulhas de Cavalaria deveriam estar a caminho do Yalu; da mesma forma, deveriam estar sendo reconhecidas as prováveis regiões para concentrações de tropas na Coreia do Norte e conservadas sob vigilância as passagens do Yalu. Com uma adequada e equili-

brada força de Cavalaria, isso teria sido perfeitamente possível — unicamente se tivéssemos previsto tal necessidade. Em vez disso, as tropas se lançaram cegamente para a frente, de curva em curva de estrada e de elevação em elevação, nada sabendo do que lhes aguardava o futuro. Se alguma vez, na história de nossas Forças Armadas, já houve necessidade de uma Cavalaria — transportada em aviões leves, em helicópteros e aeronaves para assalto — a ocasião foi aquela.

Constitui, atualmente, um capítulo trágico de nossa história, a derrota resultante de aceitarmos combate naquelas condições.

Na Europa, dispomos de unidades de Cavalaria em posições de combate, com missão de cobrir, proteger e retardar. Uma das experiências mais decepcionantes para um profissional das armas é assistir críticas de exercícios e manobras e constatar o esforço de alguns oficiais de estado-maior em demonstrar a incapacidade da atual Cavalaria para cumprir suas missões. A análise, mais simples do problema termina, normalmente, com conclusões deste jaez: "São unidades de Cavalaria, não são? Suas missões eram de Cavalaria. O fracasso deve ser devido à execução. "Se unidades de Cavalaria falham em fornecer informes oportunos ou cobertura adequada, seus comandantes são passíveis de advertência — e muitas vezes são advertidos por não terem cumprido a missão com suficiente rapidez; ou a arbitragem é acusada de atribuir demasiada mobilidade ao inimigo".

O que considero alarmante é não se levar em consideração que as tropas motomecanizadas russas possuem mobilidade igual ou superior às nossas. Todos os pesquisadores do mundo e os mais brilhantes oficiais de estado-maior não podem fornecer a chave que possibilite o sucesso das ações táticas da Cavalaria, a não ser que se dote a arma com meios adequados. Ela não os possui atualmente, pois é amarrada às estradas. Mesmo aceitando a hipótese favorável que iremos lu-

tar em países cortados por uma ótima rede de estradas, a nossa Cavalaria não possui maior mobilidade que as Divisões de Infantaria motorizadas que terá de cobrir e proteger.

HOPLITAS E PELTASTAS

É muito simples criticar depois da ocorrência do fato. Outra coisa, entretanto, é solucionar ou tentar solucionar dúvidas surgidas. Felizmente, a maior parte das respostas aos problemas da arte militar não são tão difíceis como inicialmente aparentam ser. A experiência de milhares de anos do passado aí está, esperando a nossa compreensão.

Um dos aspectos mais marcantes do passado militar do homem é a sua persistente pesquisa por meios técnicos, tendo em vista possuir maior mobilidade que o adversário. Quando era bem sucedido e, particularmente, quando conseguia reunir elementos de mobilidade variada em um único grupamento tático coeso, obtinha vantagem no combate. Se falhasse na solução do problema técnico, oriundo de suas necessidades, não conseguia o sucesso esperado.

Os gregos foram os primeiros a aperfeiçoar suas técnicas de combate, tendo em vista a diferença de mobilidade, procurando um trabalho de equipe entre seus diversos elementos de combate. O peltasta grego era um combatente a pé, móvel e dispendioso de armamento leve; sua missão era fornecer uma rede de segurança para os hoplitas, mais pesadamente armados. O hoplita era um soldado com armamento pesado, fazendo parte da falange, a primeira unidade disciplinada e potente de que possuíamos conhecimento acurado. Polybus narra qual a impressão que produziu num cônsul romano:

O cônsul... nunca vira uma falange em sua vida, até que se deparou com uma na guerra entre romanos e perseguidos; depois que tudo se passou, costumava confessar aos seus ami-

gos que a falange macedônica constituía a visão mais formidável e mais terrível que seus olhos já haviam encontrado.

Os persas, adversários dos gregos eram cavaleiros de escol. Se possuíssem a disciplina e o trabalho de equipe dos gregos, teriam vencido. Os gregos, além de bons combatentes, eram muito espertos para aprender o manejo dos cavalos com os persas. Felipe da Macedônia foi o primeiro grande soldado grego, com suficiente visão e capacidade para combinar eficientemente a ação dos cavaleiros com a sua soberba infantaria. Organizou a Cavalaria pesada e leve e a instruiu para combater em estreita cooperação com os infantões.

Sua habilidade foi herdada por seu filho Alexandre, o primeiro grande chefe de Cavalaria do mundo, realizador das idéias do pai. "A Cavalaria era sua arma dominante", escreveu o Gen J. F. C. Fuller "e em combate, invariavelmente, dirigia pessoalmente." Alexandre desenvolveu e explorou, ao máximo, a diferença de mobilidade entre a Cavalaria e a Infantaria, dentro das possibilidades da época. Cada uma possuía suas subdivisões, baseadas na mobilidade e os peltastas foram conservados para missões de segurança aproximada.

Quando a falange atingiu seu rendimento máximo, surgiu na legião romana um adversário digno de competição. A legião vinha cumprindo uma árdua tarefa contra a ativa Cavalaria de Aníbal para finalmente derrotá-la e voltar-se para leste. A legião, como a falange, era uma fortaleza ambulante; contudo, possuía uma vantagem sobre a última; cada homem era equipado e instruído para combater individualmente. Em consequência, a legião era tão flexível que podia combater em quase todas as direções, enquanto que a falange, em alguns aspectos igual à moderna divisão triangular, era concebida e instruída para combater em uma só direção.

O domínio da legião foi longo e no seu período, os campos de ba-

talha provaram a Pax Romana; entretanto, como todos os meios de guerra vitoriosos, não poderia durar para sempre; e, quando chegou o fim, seu adversário foi uma Cavalaria rija e combativa. Os indícios do advento dos cavaleiros foram pressentidos, mas não mereceram a devida consideração até ao grande desastre de Adrianópolis, no ano 378, d.C., quando o Imperador Valério perdeu suas legiões e a própria vida, na carnificina da cavalaria gótica.

Depois de Adrianópolis os cavalarianos pareciam invencíveis; em cada século, melhoravam sua blindagem; já não encontravam mais adversários dignos de valor. Na realidade, estavam tornando-se mais pesados e menos móveis, mas inexpugnáveis aos próprios olhos. Finalmente, no Século XIII, apareceu no horizonte oriental um cavaleiro destruindo tudo que aparecesse em sua frente. A 8 de janeiro de 1258, surgiu às portas de Bagdad e lançou um desafio à Cavalaria ocidental. A história desse encontro nos é narrada por uma testemunha ocular:

"Encontramo-nos em Nahr Bashir, uma das dependências de Dujayl; naquela região, afastou-se de nosso meio, a fim de oferecer combate isolado, um cavaleiro completamente equipado e montado num cavalo árabe, tão rijo que, ele e seu corcel, pareciam uma montanha. Do lado dos mongóis destacou-se um homem, montado num cavalo que parecia mais um burro, armado com uma lança em forma de fuso, não usando nem manta, nem couraça, de modo a provocar riso por parte dos assistentes. Contudo, antes que o dia terminasse, a vitória lhe pertencia, tendo nos infringido uma grande derrota, que para nós foi como que a chave do inferno."

O impacto da Cavalaria mongólica no ocidente causou profunda impressão, mas foi de pouca duração nos meios militares. Transcorreu

um século, antes que a couraça dos homens e dos cavalos fosse novamente aumentada, até a um ponto próximo da imobilidade. O aparecimento da pólvora anunciou claramente o fim do cavaleiro armado, mas isso não foi bem compreendido na ocasião; aqueles que empregavam a pólvora, por vezes, eram considerados criminosos e até enforcados. Por fim, em Agincourt, em 1415, a flor dos cavaleiros franceses obteve sua condenação por intermédio de uma força com blindagem leve, mas ágil e armada com arcos e flechas.

Apesar dessa demonstração esmagadora, continuou a ser de grande importância a tarefa dos cavaleiros armados nas contendas da Idade Média. Muitas vezes, a presença de um homem montado em combate refletia mais sua própria situação na vida e a conseqüente possibilidade de dispor de um cavalo e seus apetrechos, do que uma necessidade tática. O torneio era um esporte militar popular e a "carga" dos cavaleiros armados constituía uma tática empregada através dos anos, enquanto as armas de fogo continuavam a progredir. Mesmo depois que a pólvora tirou a eficiência do cavalo couraçado, muitos militares persistiam na argumentação de que a tática mais decisiva e mais efetiva em combate continuava sendo a carga de cavalaria.

Em nossa guerra civil, os cavalarianos abandonaram a blindagem e adotaram a pistola e o sabre como armas adequadas para a carga. Foi também nessa guerra, a era dos grandes chefes de Cavalaria, que Sheridan enunciou o ponto de vista herético que o objetivo real da Cavalaria não era cavalgar loucamente. No fim da guerra, foi estabelecido que a finalidade real do cavalo era fornecer potência de fogo onde fosse mais necessário. Frequentemente os cavalarianos apeavam, abrigavam seus cavalos e se instalavam no terreno para destruir o adversário com o grande volume de fogo que eram capazes de produzir — uma fina

adaptação das condições existentes na época.

A potência de fogo estava aumentando de tal intensidade nos campos de batalha que o homem desabrigado nada mais podia fazer contra ela. A eficiência do armamento e o número de armas automáticas continuou a evoluir, até que na I Guerra Mundial se chegou a um impasse. A diferença de mobilidade entre as forças terrestres havia desaparecido. A defensiva dominava completamente, resultando em Verdun, Somme e Passchendaele. Os britânicos em Passchendaele tiveram 8.222 baixas por milha quadrada conquistada — um sacrifício elevado do elemento humano para os resultados obtidos.

Enquanto estavam sendo empilhados os cadáveres nas batalhas de desgaste da I Guerra Mundial, os comandantes e seus estados-maiores estavam procurando, desesperadamente, a solução de seus dilemas — somente para recair no emprêgo de uma maior massa de Artilharia e Infantaria assaltante, na esperança de saturar a defesa. Contudo, surgiu uma nova forma de mobilidade: as viaturas terrestres com propulsão a gasolina. O seu aparecimento foi muito tardio para pleno aproveitamento naquela guerra, mas aquêles que compreenderam sua importância delinearão certas esperanças para romper o impasse. A atuação dos blindados, embora restrita, foi suficiente para convencer alguns visionários sobre suas imensas possibilidades.

Durante as duas guerras eles pregaram. Fuller, Liddel Hart, de Gaulle e Chaffee expunham suas idéias sempre que encontravam alguém interessado na nova forma de guerra — ou no novo tipo de Cavalaria, o que inegavelmente era — oferecendo uma diferença de mobilidade nunca vista ou concebida anteriormente. Infelizmente, alguns jovens oficiais alemães também pressentiram suas possibilidades com a mesma clareza e instituíram um programa adequado de desenvolvimento na Wehr-

macht. As campanhas alemãs na Polônia, em 1939, e, na França, em 1940, provaram que homens, como Guderian e Rommel, foram bons alunos de seus mestres aliados.

Atualmente, estamos em uma situação em que militares do passado já se depararam muitas vezes. Assistimos em nossa época as intermináveis batalhas defensivas da I Guerra Mundial e as grandes ofensivas do início de 1940. Alguns veteranos ainda se lembram bem, como eram aplicados em combate os ensinamentos de dez anos atrás. A memória, entretanto, pode idolatrar as coisas do passado e impedir que nossos espíritos compreendam a significação dos acontecimentos. Se analisarmos as afirmações de Liddel Hart e Fuller depois da I Guerra Mundial, concluímos que ainda se aplicam na atualidade. Corremos o risco de esquecer que o importante não é o que foi dito e feito e, sim "porque" foi dito e "porque" foi feito. Entrementes, um dos períodos mais críticos — talvez "o mais" — da evolução de nossa história militar está à nossa frente.

● INSTRUMENTO AEREO

Não se passaram muitos anos entre Kitty Hawk e as grandes ofensivas da II Guerra Mundial, mas foram anos de intensas pesquisas para o aproveitamento do novo veículo aéreo em combate. Existiam alguns, da mesma forma que seus antecessores em anos passados, que viam o instrumento aéreo como uma arma absoluta — um deles foi Douhet. Outros, como os visionários Mitchell e Arnold, viam-no como realmente era: um instrumento de mobilidade capaz de transportar os meios da vitória para o local decisivo. A definição do poder aéreo de Gen Mitchell continua sendo a melhor: qualquer coisa que voe.

A pesquisa comum, tendo em vista os meios de sobrevivência, aproximou o soldado e o aviador e, uma vez juntos, foi rápida a imaginação para um novo tipo de mobilidade. Considero-me afortunado por

ter participado de uma de nossas primeiras unidades nesse novo campo; pertenci ao Grupamento Tático à base do 505º Regimento de Infantaria Aeroterrestre na invasão da Sicília, a 9 julho de 1943. Nossa missão era saltar entre as reservas identificadas do inimigo e as praias a serem utilizadas por nossas divisões assaltantes e cobrir seus desembarques; existiam, também, algumas missões secundárias: impedir o uso de aeródromo, conquistar uma região importante do terreno, manter diversos nós de estrada, etc. — todas, missões típicas de Cavalaria.

Depois do salto, as primeiras forças inimigas que encontramos foram elementos de reconhecimento da Hermann Goering Panzer Division, a Cavalaria discípula de Fuller e Lidell Hart. Passamos por maus momentos. Muito dispersos, concluímos que nossa mobilidade não era tão grande como supúnhamos; mal armados — nossas bazookas 2.36 eram ineficientes contra os Tigres — mal sobrevivemos. O sucesso de nossa missão, entretanto, pode ser avaliado por um relatório inimigo a respeito:

Na minha opinião, se não fossem as forças aeroterrestres aliadas, impedindo que a Divisão Blindada Hermann Goering atingisse a cabeça de praia, aquela divisão teria repellido as forças de desembarque de volta para o mar (Interrogatório de após-guerra do Gen Kurt Student).

Retornamos com uma firme convicção em dois pontos: necessitávamos (1) aperfeiçoar a precisão do desembarque aéreo e (2) melhorar as armas anticarro. Ainda que esses dois problemas recebessem prioridade imediata, não realizamos coisa melhor, quando saltamos, dois meses mais tarde, na Itália. Nossa missão, novamente, era tipicamente de Cavalaria. O 2º Batalhão do 509º Regimento de Infantaria Aeroterrestre devia saltar em Avellino, ponto chave da rede de estradas conduzindo a Salerno

e barrar qualquer movimento na região. O restante da 82ª Divisão Aeroterrestre deslocou-se da Sicília para Salerno como uma reserva altamente móvel e logo foi empenhada na cabeça de praia.

Entre Salerno e a Normandia os esforços foram concentrados na precisão do desembarque aéreo e nas armas anticarro. Pela primeira vez começamos a procurar uma viatura terrestre leve que pudesse aproveitar as oportunidades imprevisíveis que invariavelmente caracterizavam o início dos saltos nas retaguardas inimigas. Para o problema da precisão dos desembarques apelamos para Washington e, em pouco tempo, obtivemos um projetor com luzes coloridas capaz de ser levado por um único paraquedista e instalado depois do salto, a fim de sinalizar em código (mais tarde foi empregado equipamento infra-vermelho). Para as armas anticarro, o Gen Bidgway obteve uma companhia de 57 mm de uma divisão recém-chegada à África do Norte. Redistribuímos, também, nossas cargas individuais, de maneira a poder saltar com 700 minas AC por Regimento e adotamos a granada de mão anticarro Gammon, de origem inglesa.

Os canhões de 57 mm eram os melhores que possuíamos, ainda que dificilmente contássemos com eles, pois eram transportados em planadores. Prestaram bons serviços até que capturamos a primeira panzerfaust alemã na Holanda; essa arma punha em igualdade de condições um único homem com o mais pesado carro de combate alemão e nos proporcionou um período de relativa prosperidade. Como solução para o problema das viaturas, decidimos colocar algumas chapas blindadas nos jipes. Equipados com armas automáticas e panzerfaust, eles — comparados a outras formas de mobilidade da II Guerra Mundial — constituíam a melhor Cavalaria da época. Capazes de serem transportados em planadores, a centenas de quilômetros e em poucas horas, invariavelmente

cumpriam suas missões em boas condições.

A missão atribuída à 82ª Divisão Acroterrestre na Normandia foi impedir que o inimigo reforçasse as praias e atacá-las pela retaguarda — novamente uma missão de Cavalaria. Dois meses depois, a Divisão estava novamente no ar, a caminho de Nijmegen. Entrementes, muito havia sido aprendido. O problema do desembarque aéreo tinha quase atingido a perfeição na Holanda e já dispúnhamos de armas anticarro em abundância. A tropa de Cavalaria da Divisão, o Pelotão de Reconhecimento, completamente motorizado com novos jipes blindados, provava ser digna de toda confiança. Aqui havia Cavalaria no sentido histórico.

Depois da Holanda, começamos a pensar em fuselagens destacáveis, trens de pouso com lagartas, transportes de assalto e helicópteros. Não sabíamos exatamente como seria o novo veículo aéreo, mas sentíamos que estávamos na pista certa. O que precisávamos, agora, era uma integração mais estreita com os herdeiros das missões da Cavalaria, os blindados, sem perda da alta mobilidade e agressividade das tropas aeroterrestres. Isso sugeriu uma nova possibilidade para os blindados, dentro do campo aeroterrestre, com muitas esperanças de emprêgo no futuro.

Deve ser recordado que, por esta época, estava em andamento um aperfeiçoamento complementar de grande significação no que se refere às armas anticarro. Em diversos campos de pesquisa, o armamento anticarro estava demonstrando ser superior aos carros de combate, indicando claramente que, num futuro próximo, as armas anticarro reduziriam, ainda mais, a diferença de mobilidade desfrutada pelos blindados no início de 1940. Em consequência, surgiu a exigência imediata de exploração do binômio aeroterrestre-blindados, em que poderia ser encontrada nova mobilidade.

Se falhássemos nessa realização, o mínimo que nos poderia acontecer

seria uma guerra de estagnação, em que os blindados, nossa atual Cavalaria, ficariam tão imobilizados como a Cavalaria do inimigo. Na pior das hipóteses, o inimigo poderia desenvolvê-la e obter uma esmagadora surpresa tática no início das hostilidades — como conseguiram os alemães em 1939/40. Convém lembrar que a primeira manobra de envergadura com tropas aeroterrestres foi realizada pelos russos e que, em 1935, transportaram pelo ar, toda uma Divisão, de Moscou a Vladivostok — 5.600 quilômetros de distância.

Como entusiasta de nossa Cavalaria, estou convencido que nunca venceremos uma guerra sem ela e, sem ela, muito provavelmente a perderemos. A Coreia é uma testemunha eloqüente. Minha experiência resultante da II Guerra Mundial levava-me a escrever um artigo sobre o assunto — O FUTURO DOS BLINDADOS — publicado, tanto no Combat Forces Journal como no Armored Cavalry Journal, em novembro de 1947.

Pareceu-me, na ocasião, que deveríamos aliviar o equipamento de combate dos blindados e procurar aviões que pudessem transportá-los para os campos de batalha. Pouco consegui. As viaturas de nossas unidades de Infantaria e Cavalaria não estão mais leves que há cinco anos — na realidade, estão mais pesadas, em alguns casos. Presentemente, a diferença de mobilidade entre a Infantaria e a Cavalaria — na forma de Divisões Blindadas e tropas de reconhecimento mecanizadas — é nula. O mesmo se aplica entre nós e os russos — a não ser, é lógico, no caso em que tenhamos de combatê-los, que se acomodem suficientemente para se deslocar a pé, enquanto empregamos viaturas.

AS GRANDES BOMBAS

Existe, atualmente, muita exploração a respeito da guerra atômica. Apesar das opiniões divergentes, não há dúvida de que existem bombas, projetis dirigidos e artilharia, todos empregando a energia nu-

clear. Se forem empregados, serão também contra as forças terrestres; a única proteção possível é reduzir drasticamente o seu número de combatentes por quilômetro quadrado na zona de combate que, por sua vez, terá maior profundidade. Desde que o terreno vá ser mobilizado com efetivos menores, haverá uma necessidade maior em armas automáticas e um sistema de remuniamento mais rápido e eficiente. Não há dúvida que o veículo aéreo terá um papel importante na solução desses problemas.

Desde que a dispersão — individual e coletiva — venha a caracterizar a defensiva, a maior necessidade será em meios que permitam concentrar tropas, rapidamente e em tempo, no ponto decisivo. As reservas maiores terão de deslocar-se pelo ar e, na zona de combate, as unidades terão de se apoiar mutuamente, pelo ar e por terra.

As missões típicas da Cavalaria, particularmente a cobertura, terão de ser realizadas a maiores distâncias e com maior rapidez, do que até então. A diferença de mobilidade que permita tal realização precisa ser obtida. Ela está ao nosso alcance, felizmente, nos veículos aéreos que estão sendo aperfeiçoados — transportes de assalto, aviões leves, helicópteros e convertiplanos.

Fôrças assim organizadas e equipadas terão uma grande influência na guerra do futuro. Sua disponibilidade é essencial, mas, infelizmente, não pode ser obtida da noite para o dia, à maneira de Aladim. O tempo necessário à sua obtenção poderá ser medido em anos, ao passo que o tempo para um desastre, poderá ser mínimo; isso poderá acontecer, enquanto confiarmos quase que exclusivamente no conceito de extermínio em massa — um conceito que não encontra justificativa na experiência humana como meio exclusivo e auto-suficiente para a vitória.

A atração pelo extermínio em massa é incompreensível; é especular, transporta a guerra para longe de nossa terra e muitos acre-

ditam ser exclusividade dos americanos. Ela realiza uma missão: — o aniquilamento das forças estratégicas inimigas, antes que possam ser empregadas. Em consequência, precisa ser situado convenientemente entre os recursos, humanos e materiais, que nosso povo dispõe para tornar possível a vitória. O armamento que corresponde ao papel decisivo que os homens podem desempenhar, com prejuízo mínimo para a economia nacional, será o fator a impor a sobrevivência. O homem é um animal terrestre e continua sendo denominado comum na guerra, qualquer que seja a forma.

Atualmente, mesmo desprezando as lições fornecidas pela história, precisamos compreender que a diferença de mobilidade que estamos procurando, será encontrada no veículo aéreo. Plenamente combinado com os blindados, dar-nos-á a mobilidade e potência necessárias.

A tática militar não é tão complicada para haver alguma coisa de misterioso nessa conclusão. Possuímos um ditado americano que o traduz perfeitamente: "Atinja-os, onde não estejam".

Tudo isso talvez seja muito estranho em relação aos gregos com seus hoplitas e peltastas, à legião romana, aos cavaleiros armados da Idade Média e à filosofia de combate de Forrest. Pode ser em tempo, mas não o ser em essência; para sobreviver e vencer batalhas, os militares precisam meditar sempre sobre esses assuntos e acompanhar as curvas da história, para não se precipitar vertiginosamente no esquecimento, arrastando seu povo.

Quando uma nação moderna se lança numa política militar imprudente, não só seus chefes militares estão errados. "Em nossa democracia", disse o General George Marshall há quinze anos, "onde o governo é realmente um representante da vontade popular, a política militar depende da opinião pública e a nossa organização militar

CONCURSO DE ADMISSÃO À ECEME EM 1956

UMA SOLUÇÃO À PROVA DE CONHECIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS PECULIARES À ARMA DE INFANTARIA

DOCUMENTO N. 1

- Anexos — Calcos ns. 1, 2 e 3.
— Uma fôlha de papel calco para solução.

PRIMEIRA QUESTÃO

A) SITUAÇÃO

— Fôrças Azuis, em curso de operações ofensivas, atacam por NE, e SE, a cidade de BAGÉ, tenazmente defendida.

2 — Em fim de jornada de D-1, 1ª DI, que vinha pressionando o inimigo, acha-se com os seus 1º e 2º RI na situação e dispositivo constantes do calco n. 1, anexo.

3 — A aeronáutica azul informou 1800/D-1:

“Aumentou sensivelmente o momento de viaturas, que de BAGÉ dirigem para NW.”

4 — Em consequência da decisão do Cmt do 1º CEx, de completar mais curto prazo o cerco de BAGÉ, foi atribuída, pelo Cmt da 1ª DI, a seguinte missão ao 1º RI:

a) atacar, às 0600/D, na direção:

Cota 180 (1,5 km E de J. SOUZA) — Ponto cotado 236 — Cota 250 (1,5 km SW de FERRARIA) para conquistar as alturas que dominam por SE a ESTRADA PASSO DO INGOTE-BAGÉ;

b) estar em condições de cooperar na conquista da cidade de BAGÉ.

5 — O Cmt do 1º BI recebeu os seguintes elementos da OOp/1º RI para o ataque do dia D:

a) Calco Inf. (Extrato) — Ver calco n. 2 — Anexo.

b) possibilidades do inimigo:

— Defender as atuais posições com o valor de 2 Cia I, apoiadas por Art. desde já;

— Reforçar a tropa empenhada com o valor de 1 BI, desde 2000/D-1;

— Retrair para NW a qualquer momento;

— Defender também a região de cota 250 (1 km S de FERRARIA), com o valor máximo de 1 BI e 2 Cia I, apoiadas por Art.

c) o 2º RI vai atacar na direção:

PASSO DAS PEDRAS-CEMITÉRIO (1 km NNE de FERRARIA), para conquistar as alturas de CERRO DE BAGÉ.

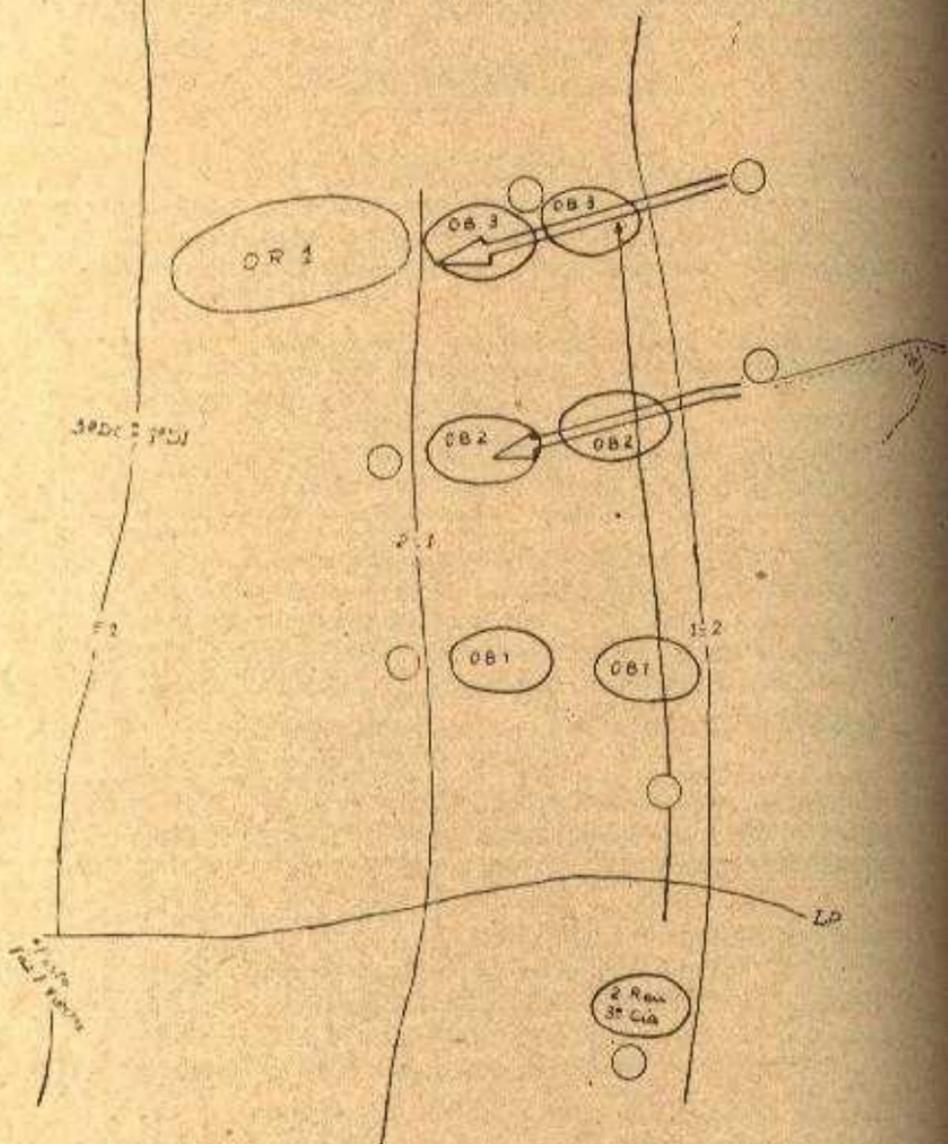
d) da missão às unidades subordinadas:

(1) 1º BI — Calco Op — Calco n. 3 — Anexo. Reforço: 1ª/701 BCC.

(2) 2º BI — Calco Op — Calco n. 3 — Anexo. Ligar-se ao 1º BI e à 3ª DC.

Uma solução aos pedidos fe2
 Carta: RS
 Escala: 1:25000
 Fôlha: QUEBRACHO(NW)

1º QUESTÃO



(3) Cia Mrt P 4.2:

Apoio geral. Prioridade de fogos de 2 Pel para o 1º BI.

B) PEDIDO

1 — Comp Cmt do 1º BI trace, na folha de "Calco para solução dos Pedidos 1 e 2", os seguintes elementos:

a) Objetivo(s) selecionado(s) para a(s) Cia(s) do escalão de ataque do BI;

b) Zona(s) de reunião inicial (is) da(s) Cia(s) reserva;

c) Direção de esforço (por uma seta).

2 — Admitindo-se que, no decurso do ataque, o 2º RI possa ser atraído pelo combate nas orlas de BAGÉ, atrasando-se em sua progressão, trace no "Calco para solução dos Pedidos 1 e 2", ainda como Cmt do 1º BI, duas direções possíveis de contra-ataque do inimigo. Use setas com traço duplo.

3 — Redija abaixo a(s) missão(ões) da(s) Cia(s) Fzo do escalão de ataque e da(s) Cia(s) Fzo reserva do BI.

R—a) 1ª Cia, (a de E).

(1) Calco n.; (2) Reforço: 1ª (-)/701º BCC.

b) 2ª Cia (a de W).

(1) Calco n.; (2) Ligar-se a 1ª Cia.

(3) Reforço: 3ª/1ª/701º BCC.

c) 3ª Cia (a de reserva).

Estar em condições de:

(1) Tomar a seu cargo a missão de uma das Cias de 1º escalão, em particular, a da 1ª Cia (a de E);

(2) A partir de OB2 cobrir o flanco E do BI.

4 — Cite três características de uma boa LINHA DE PARTIDA (LP) para um ataque.

R— Ser reconhecível no terreno. Estar aproximadamente perpendicular à direção de ataque.

Estar protegida contra a observação e os tiros diretos do inimigo.

Estar localizada de modo que a tropa não tenha de combater para atingi-la.

5 — Os objetivos de um BI, designados pela ordem de ataque do RI, podem ser classificados, de um modo geral, em aproximados e afastados. Defina-os.

R— Objetivos aproximados são os que, normalmente, podem ser apoiados por todas as armas de tiro direto de suas posições iniciais de tiro.

Objetivos afastados são os que, normalmente, exigem a designação de objetivos intermediários pelo RI, pelo BI ou por ambos.

6 — O PLANO DE ATAQUE é constituído de dois outros planos. Enumere-os.

R— Plano de manobra. Plano de apoio de fogos.

7 — Os movimentos de tropa podem ser classificados em:

R—a) Movimentos táticos.

b) Movimentos preparatórios.

DOCUMENTO N. 2

Anexos — Calco n. 1.

— Uma folha de papel calco para solução do Pedido.

SEGUNDA QUESTÃO

A) SITUAÇÃO

1 — A 2ª DI, unidade integrante do 7º CEX, acha-se, desde o início da jornada de hoje D-1, com o 5º e 6º RI, em curso de instalação de-

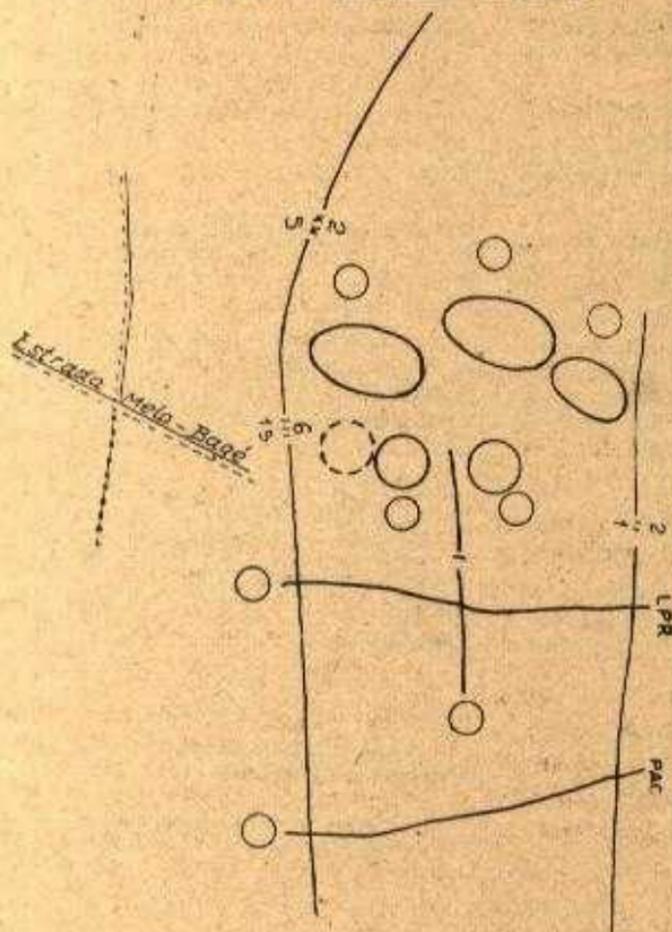
fensiva a cavaleiro da Estrada MELO-BAGÉ.

2 — O 6º RI receberá a seguinte missão:

"Defender, face a E, as alturas que dominam a Estrada MELO-

UMA SOLUÇÃO AO PEDIDO Nº 1
Carta: RS
Escala: 1:25 000
Fôlhas: UMBÚ (NW-SW)

2ª QUESTÃO



BAGÉ entre as regiões de": (Ver Calco n. 1).

Estrada DEL DUCA — Ponto Cotado 185 — Cota 200 (1 km S de S. GERALDO), todos inclusive e a REPRESA 750 m NW de Est^a. do SEIVA — Estrada para Est^a. SÃO LUIZ, todos inclusive.

3 — O Cmt do 1º BI recebeu, do Cmt do 6º RI, os seguintes elementos da OOp 3/6º RI para a defesa:

a) *Possibilidade do inimigo:*

O inimigo pode:

— Realizar ataques parcelados contra a PR a partir de 1000/D + 1.

b) Calco Op (extrato) — Calco n. 1.

4 — Nos reconhecimentos realizados constatou-se o seguinte:

a) O Arroio que corre imediatamente a E da Estrada MELO-BAGÉ é obstáculo AC e AP, ao N da cerca que passa pela Est^a. do SEIVA.

b) A região é servida por estradas carroçáveis em bom estado, marginando as cercas de arame.

c) O solo nas condições atuais do tempo é firme permitindo o trânsito de viaturas através campo.

B — PEDIDO

1 — Como Cmt do 1º BI, no calco anexo (Calco para Solução do Pedido n. 1):

a) Apresente ao Cmt do 6º RI as propostas quanto ao:

— Traçado da LPR.

— Traçado do PAC.

b) Assinale, com um círculo, a(s) região(ões) a ser(em) mantida(s) pela(s) reserva(s) do(s) subquarteirão(ões).

c) Trace as regiões a organizar pela reserva do 1º BI?

d) Trace os limites entre os subquarteirões.

2 — Quais os fogos planejados para a conduta de uma defensiva?

R — *Fogos longínquos.*

Fogos defensivos aproximados.

Fogos de barragem geral.

Fogos no interior da posição.

3 — Apresente três missões normais da Cia reserva de um BI na defensiva.

R — *Limitar as penetrações na frente.*

Proteger os flancos e a retaguarda.

Executar contra-ataques locais.

Instalar zonas avançadas de PAC.

4 — Cite três características desejáveis a uma boa LPR.

R — *Observação na frente e nos flancos.*

Bons campos de tiro para fogos razantes e de flanqueamento, das armas automáticas.

Existência de obstáculos naturais, particularmente anticarros.

O MUNDO DAS FLAMULAS

FLAMULAS E CARTAZES EM GERAL

"Joroal" Publicidades Comércio e Indústria Ltda.

Rua Mariz e Barros, 93 (Sobrado) — End. Telégr. "Joroal" — Telefone: 28-6893

RIO DE JANEIRO